



A SEXUALIDADE NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Maria Andréa Loyola (Org.)

APRESENTAÇÃO	7
<i>EXPOSIÇÕES</i>	
SEXO E SEXUALIDADE NA ANTROPOLOGIA	17
<i>Maria Andréa Loyola</i>	
ELEMENTOS PARA REFLEXÃO SOBRE O LUGAR E O SENTIDO DA SEXUALIDADE NA SOCIOLOGIA	49
<i>Janine Pierret</i>	
SEXO, SEXUALIDADE E DIFERENÇA SEXUAL NO DISCURSO MÉDICO: ALGUMAS REFLEXÕES	69
<i>Marilena Villela Corrêa</i>	
EROTISMO, DESAMPARO E FEMINILIDADE — UMA LEITURA PSICANALÍTICA SOBRE A SEXUALIDADE	93
<i>Joel Birman</i>	
SEXO E AMOR EM SANTO AGOSTINHO	133
<i>Jurandir Freire Costa</i>	
O DESEJO DE UMA SEXUALIDADE INUMERÁVEL	159
<i>André Rangel Rios</i>	
SEXUALIDADE E IDENTIDADE NA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA	175
<i>Margareth Rago</i>	
REPRESENTAÇÕES E SEXUALIDADE — PSICOLOGIA SOCIAL E PLURIDISCIPLINARIDADE	201
<i>Alain Giami</i>	

DEMOGRAFIA E SEXUALIDADE	227
<i>Michel Bozon</i>	
COMENTÁRIOS	
SEXUALIDADE E ANTROPOLOGIA (COMENTÁRIOS SOBRE A EXPOSIÇÃO DE MARIA ANDRÉA LOYOLA)	253
<i>Mariza Corrêa</i>	
SEXUALIDADE E SOCIOLOGIA (COMENTÁRIOS SOBRE A EXPOSIÇÃO DE JANINE PIERRET)	257
<i>Cristina Bruschini</i>	
SEXUALIDADE E MEDICINA (COMENTÁRIOS SOBRE A EXPOSIÇÃO DE MARILENA CORRÊA)	271
<i>José Guilherme Cecatti</i>	
SEXUALIDADE E PSICANÁLISE (COMENTÁRIOS SOBRE A EXPOSIÇÃO DE JOEL BIRMAN)	277
<i>Malvina Muszkat</i>	
SEXUALIDADE E CATOLICISMO (COMENTÁRIOS SOBRE A EXPOSIÇÃO DE JURANDIR FREIRE COSTA)	283
<i>Maria José F. Rodo Nunes</i>	
SEXUALIDADE E FILOSOFIA (COMENTÁRIOS SOBRE A EXPOSIÇÃO DE ANDRÉ RIOS)	289
<i>Jeanne Marie Gagnebin</i>	
SEXUALIDADE E HISTÓRIA (COMENTÁRIOS SOBRE A EXPOSIÇÃO DE MARGARETH RAGO)	293
<i>Eni de Mesquita Samara</i>	
SEXUALIDADE E PSICOLOGIA (COMENTÁRIOS SOBRE A EXPOSIÇÃO DE ALAIN GIAMI)	297
<i>Margareth Arilha</i>	
SEXUALIDADE E DEMOGRAFIA (COMENTÁRIOS SOBRE A EXPOSIÇÃO DE MICHEL BOZON)	305
<i>Elza Berquó</i>	

Sexualidade e Demografia – Comentários sobre a Exposição de Michel Bozon

*Elza Berquó*¹

A consideração do tema Sexualidade e Demografia, apresentado por Michel Bozon, é oportuna e procedente quando se leva em conta que, no campo da sexualidade, fantasias, comportamentos e práticas podem modificar os componentes básicos que conformam regimes demográficos, tais como nupcialidade, fecundidade e mortalidade.

As uniões do mesmo sexo, as relações bissexuais, o celibato, a abstinência sexual, enfim, condutas não-reprodutivas podem afetar diretamente a fecundidade.

Por outro lado, as doenças sexualmente transmissíveis podem alterar a fertilidade de mulheres e de homens, ou seja, a capacidade de conceber, fazendo crescer a prevalência de estéreis na população. Aumentam ainda as chances de transmissão do HIV. Podem afetar também o produto da concepção, ampliando as possibilidades de morte fetal, de nascimentos prematuros, de baixo peso ao nascer, de infecções congênicas do recém-nascido, de abortos espontâneos e de natimortos.

O exercício da sexualidade, associado a condutas sexuais de risco, pode incrementar a possibilidade de transmissão do HIV, acarretando um aumento nas taxas de morbi-mortalidade provocado pelo impacto da aids.

Passar, entretanto, de Sexualidade e Demografia para uma Demografia da Sexualidade, conforme propõe Bozon em sua apresentação, parece-me um salto perigoso com alta probabilidade de insucesso. Isto porque

1 Coordenadora do Programa de Saúde Reprodutiva e Sexualidade do Núcleo de Estudos Populacionais da Universidade de Campinas.EPO/UNICAMP.

esta proposta pressupõe, equivocadamente, que a Demografia, enquanto disciplina, seja possuidora de um arcabouço teórico-metodológico capaz de captar, apreender, mensurar, operacionalizar e interpretar conceitos que compõem o vasto e complexo campo da sexualidade humana. A disciplina já encontra enorme dificuldade de operacionalizar conceitos como reprodução, como uma construção social.

Além disso, é preciso não esquecer que a Demografia é herdeira de um legado de concepções puritanas, eugênicas e controlistas, cujas marcas ainda persistem em visões e enfoques de parte de sua produção.

A preocupação com o "ótimo populacional" esteve presente na vida dos povos desde a Antigüidade, como forma de poder, como mecanismo de segurança nacional, como meio de aumentar arrecadação de impostos, como maneira de preservar recursos para subsistência, etc.

Palcos de grandes controvérsias entre mercantilistas e fisiocratas, os séculos XVIII e XIX registraram o grande debate: o tamanho da população determina os recursos naturais ou os recursos naturais determinam o tamanho da população. Preocupado com o conflito entre população e seus meios de subsistência, Malthus propôs uma moral restritiva, puritana, incorporada nos costumes e responsabilidades individuais. Ou seja, advogou a conveniência de casamentos tardios e da abstinência sexual, como formas de contribuir para a redução do tamanho das famílias. Para ele, vícios como homossexualidade, adultério, controle de natalidade e aborto não eram recomendados como formas preventivas de evitar o crescimento populacional.

Além da preocupação com o volume da população, outra influência negativa que a disciplina sofreu foi o envolvimento dos demógrafos com a qualidade da população. De fato, o embate da Demografia com a eugenia lhe deixou graves embaraços. Os darwinistas enfatizavam a herança genética como mais importante do que o ambiente social para explicar o comportamento. Com a ampla melhora na sobrevivência, os padrões existentes de fecundidade diferencial passaram a ser questionados por contribuírem para a degradação genética das sociedades. Grande espaço foi então conferido às pesquisas eugênicas nas

conferências internacionais de população, na década de 30, assumindo, na Europa, uma conotação racista.

O controle da natalidade, originado nas primeiras campanhas pelos direitos das mulheres e privacidade individual, transformou-se, posteriormente, em remédio para conter o crescimento populacional, postura esta que marcou grande parte da produção demográfica deste século.

O interesse da Demografia no controle da fecundidade foi tão estratégico que o objeto principal das pesquisas tem sido mulheres unidas (em uniões heterossexuais), em idade reprodutiva. Ou seja, para a Demografia, o sexo tem sido biológico e reprodutivo. Frequência de relações sexuais, como variável explicativa para diferenciais de fecundidade, pressupunha relações heterossexuais, com penetração.

Esta breve digressão teve o propósito de desnudar uma disciplina quando dela se espera um corpo teórico-metodológico, que a ela não corresponde, para enveredar pelos caminhos da sexualidade. Tentou ainda mostrar que muitos véus precisariam cair, a fim de torná-la mais livre de um passado opressor.

Isto não significa, entretanto, que progressos não estejam em curso visando à ampliação de seu campo temático no sentido da interdisciplinaridade, de sua unidade de análise para incluir ambos os sexos em uniões hetero, bi e homossexuais, e de seu acervo técnico-metodológico a fim de torná-lo apto a operacionalizar biografias sexuais. Não reduz, tampouco, seus méritos como possuidora de um sistema reflexivo capaz de metabolizar processos de mudanças nos e dos regimens demográficos.